

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
POLO DE PICADA CAFÉ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA
MODALIDADE EAD**

**A RELIGIOSIDADE E O COMPORTAMENTO DOS
ALUNOS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Neusa Vanderleia Castro Wittmann

Santa Maria, RS, Brasil

2011

A RELIGIOSIDADE E O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS

por

Neusa Vanderleia Castro Wittmann

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Pública
– modalidade EAD da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Pública

Orientador: Vitor Francisco Schuch Junior

**Santa Maria, RS, Brasil
2011**

FOLHA DE FICHA CATALOGRÁFICA /DADOS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

© 2003

Todos os direitos autorais reservados a Neusa Vanderleia Castro Wittmann. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser com autorização por escrito do autor.

Endereço: Rua Doze, nº 2000, Bairro da Luz, Santa Maria, RS, 97110-680

Fone (0xx)55 2225678; Fax (0xx) 2251144; End. Eletr: ufesme@ct.ufsm.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Polo de Picada Café
Curso de Especialização em Gestão Pública
Modalidade EAD**


A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a monografia de especialização

A RELIGIOSIDADE E O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS

elaborada por
Neusa Vanderleia Castro Wittmann

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Pública

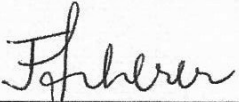
COMISSÃO EXAMINADORA:



Professor, Dr. Vitor Francisco Schuch Junior
(Presidente/Orientador)



Dra. Cláudia Maffini Gomes



Dra. Flavia Luciane Scherer

Santa Maria, 10 de novembro de 2011.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	10
1.1 Um Pouco de História da Educação no Brasil	15
1.2 Um Breve Apanhado Sobre as Leis e Normas que Norteiam a Educação e a Liberdade Religiosa no Brasil e no Estado.....	17
1.3 O Sagrado na Educação	20
1.4 Na Visão do Dr. Padre Ari Da Silva	21
1.5 Violência nas Escolas	23
1.6 Bullying	24
1.7 Exemplos Bem Sucedidos na Educação	25
1.8 Leonardo Boff	27
1.9 Sugestão de Valores para Serem Trabalhados nas Escolas.....	28
1.9.1 Exemplo de um projeto de como fazer	30
2 METODOLOGIA	31
2.1 Delineamento.....	31
2.2 Sujeito da Pesquisa.....	31
2.3 Coleta e Análise de Dados.....	32
3 RESULTADO DO ESTUDO	34
3.1 Resultado da Primeira Etapa.....	34
3.2 Resultado do Estudo Quantitativo.....	35
4 CONCLUSÃO	47
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
6 ANEXOS	53

Na minha opinião a religiosidade influencia sim no comportamento na escola, afinal a religiosidade tem como propósito o amar ao próximo e através de seus preceitos e métodos propõe ao ser humano uma forma de controle, controle de sua agressividade originária. Como cada ser humano nasce com uma agressividade, cada um destes seres precisa passar por uma formação de caráter, de elaboração dessa agressividade, a escola é um grande colaborador para esta formação e elaboração e dentro da escola a religiosidade pode ser uma boa colaboradora nessa função.

(Maira Ruppenthal Sornberger)
Psicóloga Clínica, Professora de Psicologia Organizacional, com formação em Psicanálise.

INTRODUÇÃO

A questão da religiosidade nas escolas ainda é questionada e motivo de polémica. Em muitos países, como no Estado Europeu, a religião significa intolerância e gera conflito. Os Dinamarqueses também compartilham de uma visão negativa da religião, visto que são eles que detêm as taxas mais baixas de frequência à igreja, de apenas dois por cento (GREELY 2002:70-71).

As memórias de guerras religiosas proliferam pelo mundo e um grande desafio para a humanidade será separar religião de política e focalizar contextos estruturais inerentes a formação de um Estado moderno que possibilite a liberdade religiosa pessoal. Segundo José Casanova, “não existe democracia sem liberdade religiosa” (2010, O Problema da Religião e as Ansiedades da Democracia Secular Européia).

Em alguns lugares já foi considerado um avanço a disciplina de ensino religioso ter sido abolido nas escolas e os crucifixos já foram abolidos das escolas e repartições públicas. É possível que isto se deva a forma com que foi transmitido este ensino face às diferentes religiões e crenças e até mesmo a intolerância religiosa de algumas famílias.

Na história se percebe que grandes pensadores tiveram suas origens no berço de religiões que freqüentavam assiduamente. Martinho Lutero é um exemplo. Naquele tempo os valores morais valiam mais do que o papel. Curiosamente, também os professores eram mais respeitados. Violência contra professores era algo inconcebível.

Nos dias de hoje, se percebe mudança nos valores e conceitos dos novos pensadores e formadores de opinião e a violência contra os professores e colegas está se tornando cada vez mais freqüente. Os alunos parecem não dar mais importância aos valores morais, espirituais e por vezes, o ter parece ser superior ao ser.

Em função destes pontos de vista diferentes é que o trabalho apenas se detém às opiniões dos professores que trabalham com os alunos e se refere

principalmente aos valores humanos. Não é possível chegar a um meio termo com relação às inúmeras religiões e suas crenças, até mesmo porque existe religião que acredita que existem espíritos e outras que afirmam que não existem. Uma oposta da outra.

Mas, se falarmos sobre valores humanos, disciplina e respeito, torna mais fácil haver entendimento, principalmente quando uma escola verifica suas dificuldades locais e trabalha em conjunto com os pais. E se pergunta?

- Qual a opinião dos professores sobre a influencia da religiosidade no comportamento dos alunos?

O objetivo deste trabalho é verificar se a religiosidade influencia no comportamento dos alunos nas escolas de acordo com a percepção dos professores. Não é a intenção falar sobre as diferentes religiões, mas estudar no sentido de valores morais ou espirituais transmitidos aos alunos.

Através de um questionário para os professores do município de Nova Petrópolis, bem como algumas referências bibliográficas, este estudo poderá ser uma contribuição na área educacional pública do nosso país. Uma forma de ouvir a opinião dos professores sobre se eles acreditam que a religiosidade influencia no sentido positivo sobre o comportamento dos alunos nas escolas.

Este estudo tem como base as inúmeras reclamações de indisciplina nas escolas e relatos de violência entre alunos e também alunos contra professores, principalmente na rede pública. Também um convite à reflexão sobre a violência nas escolas pelos órgãos públicos e profissionais da educação.

Trata-se de um estudo de campo, quantitativo que tem como base a opinião dos professores tanto da rede pública quanto particular do município de Nova Petrópolis em um misto entre o conhecimento filosófico-humanista com o conhecimento religioso. Mas, também qualitativa no sentido de envolver a análise da questão em forma de item, através de conversas específicas com os professores de ensino religioso e respectivas respostas destes itens. O presente estudo também conta com um amparo teórico e colhe matérias atuais sobre o assunto.

Oitenta professores responderam a um questionário de uma pergunta fechada, sobre se a religiosidade influencia no comportamento dos alunos. A coleta e avaliação dos dados contaram com a experiência e a observação dos professores, através dos questionários.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Outrora as famílias costumavam freqüentar cultos religiosos e os valores morais eram muito valorizados, os professores eram mais valorizados e respeitados e os alunos tinham um comportamento mais disciplinado nas escolas.

Diante deste fato, surge a hipótese de que a religiosidade poderia influenciar positivamente no comportamento dos alunos. Se as escolas dessem mais ênfase às disciplinas religiosas, ou mesmo filosóficas, resgatando valores morais básicos, então poderia haver maior reflexão por parte dos alunos e causar alteração no comportamento destes nas escolas.

A religiosidade pode representar sentidos diferentes para as pessoas. Para algumas pode dar um sentido à vida, para outras um consolo, coragem para enfrentar seus medos, força ou até mesmo um motivo para viver em paz. Não é a intenção aqui citar as diferentes crenças ou religiões, mas estudar no sentido de valores morais ou espirituais.

As religiões estão intimamente ligadas aos valores morais. Grandes pensadores eram ligados à religiosidade:

- Augusto Conte (1798–1857), filósofo e matemático francês, a partir de 1846 toda a sua vida e obra passaram a ter um sentido religioso;
- Karl Marx (1818–1883), filósofo e economista alemão, escreveu, em parceria com Engels “A sagrada família (1844)”;
- Max Weber (1864–1920), sociólogo alemão, professor de economia, Weber procurou investigar as influências das doutrinas religiosas no campo econômico, em particular, na formação do espírito capitalista. Uma de suas obras importantes é “A ética protestante e o espírito do capitalismo (1905)”.

Este estudo pretende verificar se há alguma ligação entre a religiosidade dos alunos e o comportamento destes nas escolas.

Augusto Cury, quando se referia à Jesus, comenta:

Muitos são fascinados pelos atos sobrenaturais do Mestre dos Mestres, mas repito mais uma vez que foram seus pequenos gestos que viraram a história de cabeça para baixo. Se as pessoas vivessem 1% da humildade, afabilidade e serenidade presentes em suas palavras e comportamentos, a civilização humana seria outra. (Cury, 2007, pág.106)

Especialistas em recursos humanos atualmente falam que temos muitos profissionais que falham muito no quesito educação. Muitas demissões ocorrem, não pela falta de profissionalismo, mas pela dificuldade destes profissionais no relacionamento humano. Fato inclusive divulgado por Marx Geringer em uma matéria para o Fantástico neste ano.

Estamos revendo valores morais, disciplina, educação e respeito ao próximo.

Talvez violência possa ser uma forma de pedido de socorro ou limites dos alunos nas escolas. Roberto Schinyashiki, em seu livro *A Carícia Essencial, Uma Psicologia do Afeto*, na introdução afirma “Há mais pontos sensíveis em nosso corpo do que estrelas num céu invernal”. Segundo ele, a vida só poderia ser um presente vivo e uma das conseqüências é ter que cuidar deste presente.

É possível que as escolas pudessem desenvolver um papel importante para auxiliar a cuidar deste presente.

Segundo a reportagem da revista *Veja Especial*, de 13 de abril deste ano, edição 2212, sobre o caso de Wellington Menezes de Oliveira que invadiu uma escola e matou doze crianças no Rio de Janeiro, nas páginas 94 e 95 há uma matéria sobre o que os estudiosos compreendem que estes jovens criminosos possuem em comum. Ressaltaram que, sem exceção, todos compartilham um sentimento de raiva, não gostavam de suas vidas e viviam deprimidos.

Hoje, também está muito em voga os tais *bullying* nas escolas, os xingamentos e as agressões físicas que podem marcar a vida de um estudante. Se as escolas não se adaptarem à nova realidade, além dos danos causados aos

alunos, os prejuízos poderão chegar até os cofres públicos com indenizações. Como o caso ocorrido recentemente e amplamente divulgado pela mídia, da aluna Julia Afonso, em que o colégio do Rio de Janeiro teve que pagar uma indenização de trinta e cinco mil reais pelos danos sofridos por *bullying*. (matéria na revista Veja, edição 2213, 20/04/2011, pág. 89).

Um exemplo a se espelhar é o comportamento dos japoneses frente ao tsunami que devastou a região, em especial a cidade de Fukushima que ainda enfrenta um caos nuclear. Eles colocaram o coletivo acima das necessidades individuais, mostraram os valores da disciplina e da boa educação. Na reportagem da revista Veja, edição do dia 30 de março de 2011, na página 85, a revista mostra um abrigo para moradores que perderam suas casas. A rotina inclui rodízio para preparo das refeições e limpeza dos banheiros, bem como exercícios matinais coletivos.

De acordo com alguns exemplos que veremos, as crianças em idade escolar podem ser trabalhadas de forma integral, quer dizer, não só ensinar as matérias convencionais, mas investir nelas como seres humanos dotadas de sentimentos, incertezas, por vezes incompreendidas pela família, ou vindas de famílias desestruturadas. A escola, necessariamente, não precisa ficar alheia a esta realidade. Poderíamos dizer que o sistema educacional público daria um salto positivo.

Stephen R. Covey, autor do livro *Vivendo os 7 Hábitos*, sobre os sete hábitos das pessoas altamente eficazes, conta, em um dos relatos de seu livro, a história de que no ano de 1997, em Utah, durante uma cerimônia de entrega de prêmios por Excelência Escolar a doze alunos pelos seus desempenhos e suas lideranças nos estudos, uma mãe percebeu que metade destes que estavam recebendo o prêmio haviam sido alunos de uma mesma professora na sexta série. Perguntada sobre qual era o segredo, a professora disse que não havia segredo, eram apenas os 7 hábitos. “Durante a aula, aplico-os consistentemente em meu desempenho, como professora, moldando-os de acordo com o currículo escolar.” (pág. 254, 1997). Percebe-se que ela ensinou algo além das matérias convencionais. De acordo com este exemplo, sem investimentos financeiros a mais.

Nos 7 hábitos basicamente se trabalha aceitar a responsabilidade por nosso próprio comportamento, fazendo as escolhas baseadas nos nossos princípios e valores e não viver culpando os outros; pensar ganha/ganha em benefício mútuo baseado no respeito mútuo; procurar compreender para depois ser compreendido e buscar o equilíbrio entre a vida física, social, emocional, mental e espiritual.

No livro *Conversando Com Deus* de Neale Donald Walsch, o autor diz que não se deve ignorar o conhecimento a favor da sabedoria, bem como, não ignorar a sabedoria a favor do conhecimento. Quando os pais transmitem aos filhos conhecimento, eles estão dizendo em que pensar e quando transmitem sabedoria, lhes dizem como chegar às próprias verdades.

A sugestão de Walsch(2009) para as escolas, é que elas deveriam mudar o seu enfoque que, atualmente, se concentra mais no conhecimento e menos na sabedoria. Mesmo sabendo que muitas pessoas consideram ameaçadoras as aulas que desenvolvem o pensamento crítico, seja por medo de perder seus estilos de vida, ou por outra razão, o autor diz que o mundo se tornou violento não pelo que ensinaram aos alunos, mas pelo que não foi ensinado. Ele ainda afirma que uma consciência coletiva produz resultados coletivos. Talvez seja de resultados coletivos que a nossa educação pode estar precisando.

O equilíbrio entre corpo, mente e espírito é o mínimo que se deveria buscar. Ser tolerante, saber resolver conflitos sem violência, evitar magoar as pessoas, agir com dignidade e procurar a harmonia é muito importante para a vida dos jovens. O autor sugere um currículo escolar baseado em:

- Consciência. É tudo e cria a experiência. A consciência de grupo é poderosa, mas deve-se tomar cuidado para não superar a consciência individual. Caso não consiga se encaixar em um grupo de consciência similar, deve-se criar um novo grupo. Outros de consciência parecida se aproximarão.

- Honestidade. Expressar a sua verdade. Não quer dizer que ela é boa ou má. É a sua verdade, seus sentimentos.

- Responsabilidade. Se agir de forma irresponsável, ou seja, comportar-se de modo a se prejudicar ou prejudicar a outrem, fizer sentir-se bem, então é porque

precisa evoluir mais. A responsabilidade individual não deve ser confundida com “cada um pra si”, mas aceitar a responsabilidade individual para a sobrevivência de todos. De alguma forma, somos responsáveis pelas escolhas que a humanidade tem feito.

Todas as matérias deveriam girar em torno destes três conceitos: consciência, honestidade e responsabilidade. Até mesmo a informática poderia ser desenvolvida nestes conceitos, afirma ainda, Neale Walsh.

Este estudo poderá servir como uma possível sugestão para que as instituições educacionais possam avaliar alguns aspectos observados em sua realidade e através dela trabalhar nas aulas de ensino religioso, como forma de auxiliar na educação, frente à tamanha violência e intolerância presentes nas escolas públicas do país e repensar o resgate de valores morais, por vezes considerados ultrapassados. Embora a idéia de ensinar conceitos mais elevados nas escolas poderá ser recebida com medo e poderá se tratar de um terreno imprevisível. Mas, não podemos esquecer que as leis brasileiras amparam as diferentes religiões e não aceitam quais quer tipos de discriminação.

As escolas, por não terem os mesmos preconceitos dos pais, teriam a possibilidade de serem considerados lugares apropriados para essa educação.

Muitas vezes não são os aspectos materiais que contam. Grandes somas de dinheiro investido em prédios novos, computadores, classes e cadeiras novas. Tudo isso sem educação um dia se vai e o que realmente sobrar é o resultado do que foi ensinado.

“Seu mundo se tornou violento. Eu concordo com isso. Mas não se tornou violento devido ao que vocês permitiram que suas escolas ensinassem a seus filhos, mas ao que não lhes permitiram ensinar.” (WALSCH, 1997, pág. 151)

1.1 Um Pouco de História da Educação no Brasil

A história da educação brasileira parece ter evoluído através de rupturas marcantes.

Primeiro, aconteceu a chegada dos portugueses que trouxeram um padrão de educação europeu. O que já deveria contrastar com o modelo que aqui havia, considerando uma população indígena.

A educação indígena foi alterada com a chegada dos jesuítas, entre 1549 à 1759. Os jesuítas trouxeram além dos métodos pedagógicos, moralidade, os costumes e a religiosidade européia.

Basicamente, daria para se dizer que os jesuítas se dedicaram à educação e a fé católica.

A segunda ruptura, aconteceu entre 1760 à 1808, com a expulsão dos jesuítas em função de diferenças de objetivos entre eles e a Corte. Marquês de Pombal tinha interesses comerciais e pensava em organizar a escola para servir ao Estado, em quanto os jesuítas objetivavam servir aos interesses da fé.

Neste período, cada aula era isolada e autônoma com um único professor, que geralmente não eram preparados para a função e as disciplinas não interagiam umas com as outras. Como resultado, a educação brasileira ficou estagnada. Basicamente, era para formar mão-de-obra para as indústrias que estavam surgindo.

Após, com a chegada da família Real, no período que vai de 1808 à 1821, houve uma nova ruptura na educação brasileira. Para atender as necessidades desta família, D. João VI fez grandes investimentos na educação e abriu Academias Militares, Escolas de Medicina e de Direito, Biblioteca Real, Imprensa Régia. Um passo importante na área, porém, ainda aquém das necessidades da educação.

Por volta de 1822 à 1888, D. Pedro I proclama a Independência do Brasil. Na primeira constituição que surgiu em 1824, o artigo 179 da lei Magna constava que a

educação primária seria gratuita e para todos os cidadãos. Contudo, ainda a educação não era de qualidade.

No período que vai de 1889 com a criação da nova constituição brasileira até 1929. Benjamim Constant através dos princípios de liberdade, laicidade do ensino e a gratuidade da educação primária, fazia uma nova reforma na educação. A intenção era tornar o estudo mais científico.

Depois destes períodos, a educação ainda passou por vários nomes e idéias. Em 1934 a constituição, em fim, diz que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada em conjunto com a família e pelos Poderes Públicos.

Outro período relevante na história da educação, foi o período militar, 1964 à 1985. Ocorreram prisões e até morte de estudantes em confrontos com os militares. Universidades foram invadidas e alguns professores foram presos e outros demitidos. Foi aplicado o Decreto-Lei 477 que silenciou professores e alunos. As manifestações eram abafadas.

Apesar de ser um período cruel, houve expansão das universidades no país. Foi criado o vestibular classificatório e a idéia era uma educação profissionalizante.

Com o fim do regime militar, entre 1986 à 2003, a educação era mais política do que pedagógica. Então a educação começou a ser discutida.

Atualmente, a área educacional conta com vários projetos e ainda sofre discussões. Mas é de conhecimento de todos que a realidade requer mão-de-obra especializada em que os alunos saibam, além da profissão, trabalhar com pessoas e saibam respeitar o próximo. De acordo com o professor José Luiz de Paiva Bello, “nossa educação só teve caráter nacional no período da Educação Jesuítica”.

1.2 Um Breve Apanhado Sobre as Leis e Normas que Norteiam a Educação e a Liberdade Religiosa no Brasil e no Estado

A Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, assinada pelo Ministro Paulo Renato de Souza e pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, possui 92 artigos que disciplinam a educação escolar.

O respeito à liberdade e apreço à tolerância são princípios desta lei conforme seu artigo terceiro, inciso IV.

Em seu artigo 35, inciso III, a lei fala do aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o estudo da ética tem como objetivo fazer com que os alunos sejam capazes de compreender a cidadania como participação social e política, bem como o exercício de seus direitos e deveres sociais e civis. Utilizar o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas. Respeitar aspectos socioculturais de outros povos, posicionando-se contra qualquer discriminação, seja de classe social, sexo, etnia, características individuais ou crenças. Que o aluno seja capaz de perceber-se como agente transformador do ambiente e que contribua para a melhoria do meio ambiente. Que possa desenvolver o conhecimento sobre si e buscar o conhecimento para o exercício da cidadania, valorizando-se e adotando hábitos saudáveis. Expressar e comunicar suas idéias, bem como usufruir das produções culturais. Questionar a realidade, formular o problema e tentar resolvê-lo utilizando o pensamento lógico, a intuição e a criatividade, sendo capaz de fazer uma análise crítica e verificar sua adequação. Tarefa nada fácil para o educador.

O Parecer CP/CNE 97/99, (Diretrizes Curriculares Nacionais), diz que o ensino religioso deverá ser ministrado por professores licenciados em qualquer área de conhecimento. Na prática, muitas escolas usam o professor “tapa furo” para ministrar tal disciplina. Cada Coordenadoria Regional de Educação deve ter um coordenador de ensino religioso que assessora a formação destes professores.

A Constituição Federal, em seu artigo 5º em seu inciso VI “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantia, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.

No artigo 1º inciso IV da Constituição, assegura promover o bem de todos, sem preconceitos ou quais quer outras formas de discriminação. Já em seu artigo 205, a Constituição rege sobre a educação e diz que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da Família visando o pleno desenvolvimento da pessoa.

Sobre o ensino religioso, a Constituição afirma em seu artigo 210 inciso 1

“Ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”.

É possível concluir através das leis que regem a educação e a religião em nosso país, que não é possível qual quer tipo de intolerância ou discriminação em nosso país. Cabe ao Estado e a sociedade auxiliar no cumprimento das mesmas para um pleno exercício da cidadania.

Porém, há controvérsias sobre a religiosidade na escola. Segundo Roseli Fischmann, professora da Universidade de São Paulo, “Escola pública não é lugar de religião.” Porque para ela, existem privilégios com relação à igreja católica, com isto, ela acredita que a constituição está sendo violada, já que o artigo 33 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) prevê que os sistemas de ensino devem ouvir as entidades civis, constituídas pelas diferentes dominações religiosas para definição dos conteúdos da disciplina de ensino religioso. Ela acredita que a religião está sempre presente de forma irregular nas escolas públicas, como o crucifixo na parede, imagens de santos, as orações antes da merenda, textos bíblicos como material pedagógico. Segundo ela, os pais devem dar uma autorização por escrito para que seus filhos possam participar da disciplina de ensino religioso.

A constituição, no artigo 210, parágrafo 1º, determina que o ensino religioso é facultativo ao aluno. Por tanto, se um aluno se achar incomodado, ele poderá ser liberado da disciplina. Porém, de acordo com o Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (CEED/RS), para os alunos que optaram por não se matricular no

nas aulas de religião, deverão ser oferecidas outras disciplinas que acrescentem sentido em sua formação.

De acordo com as orientações técnicas para a oferta do ensino religioso do sistema Estadual nas escolas do Rio Grande do Sul, o PPP (Projeto Político-Pedagógico), deverá desenvolver a linha político-filosófica da ação educativa a partir da realidade existente, objetivando o cidadão que a sociedade precisa, na forma da lei.

A constituição Federal vigente determina a obrigatoriedade do ensino religioso como disciplina dos horários normais das Escolas Públicas de Ensino fundamental, no artigo 210, mesmo que facultativo ao aluno. Já a Constituição Estadual do Rio Grande do Sul, de 1989, estendeu esta obrigatoriedade para o ensino médio, no artigo 209.

Segundo LDBEN 9.394/96 o ensino religioso é reconhecido como “parte integrante da formação básica do cidadão”. De acordo com o sistema Estadual de ensino o ensino religioso:

...assume um caráter de inter-religiosidade, sendo o responsável para apresentar o Transcendente nas diferentes culturas e tradições religiosas, considerando a diversidade existente no Brasil, sendo ele, terminantemente proibido, qualquer forma de proselitismo, isto é, de pregação religiosa (catequese) a favor desta ou daquela crença. Para que isso realmente aconteça na prática, a lei estabelece a necessidade de existência de uma Entidade Civil, composta pelas diferentes denominações religiosas, que será ouvida, pelos Sistemas de Ensino, para definição dos conteúdos a serem trabalhados pelos professores.

É tarefa da Escola esclarecer à Comunidade Escolar a importância do Ensino Religioso na formação básica do cidadão (art. 33 da LABEN), como área de conhecimento que não privilegia crença religiosa, nem prega adesão a uma determinada igreja, mas estuda o “Fenômeno Religioso”, presente nas culturas e na História da Humanidade, desenvolvendo em seus conteúdos cinco grandes eixos temáticos: culturas e tradições religiosas, teologias, textos sagrados, ritos e ethos.

(Orientações Técnicas para a oferta do Ensino Religioso nas escolas do Sistema Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, outubro, 2004)

O fato de discutir sobre a educação em nosso país, significa avanço, pois, quanto mais se estuda e discute sobre um determinado assunto, melhores serão as chances de acerto e evolução desta área.

1.3 O Sagrado na Educação

Este capítulo é embasado no livro *O Renascimento do Sagrado na Educação*, de Ruy Cezar do Espírito Santo que é Mestre em Educação, Doutor em Filosofia da Educação, graduado em Ciências Jurídicas e Sociais e autor de diversos livros.

Segundo o autor, há que se rever as práticas educativas impregnadas de falsa religiosidade com a retomada de uma percepção de um ser humano integral, que preencha o espírito. O sistema educacional não se preocupa com a educação da alma, as provas e as notas é o que contam. O individualismo, a solidão e o vazio existencial se fazem presentes no homem contemporâneo. O próprio mercado de trabalho sente falta de profissionais formados em diferentes instituições na busca de preencher o que faltou no sistema vigente.

Ruy sugere a inserção de uma reflexão sobre a busca de sentido; o conhecimento de si mesmo, retomando sua integridade física, emocional, espiritual e racional. "... estamos mergulhados num caótico mundo de *outdoors*, de revistas em quadrinhos, programas de rádio, computadores, enfim, toda essa parafernália que contata o mundo inteiro". (Santo, 2008, pág.121)

Como fosse uma lavagem cerebral, e os educadores deveriam ter a tarefa de fazer o aluno despertar criticamente a relação com esse universo.

O livro sugere uma reflexão sobre os medos, culpas e normas morais que vão sendo armazenados pelas crianças oriundas de preceitos religiosos que deveriam ser retomados, devendo ser considerados o amor e o desenvolvimento do Deus interior presente em cada ser humano.

Segundo o autor, os jovens guardam fortes traços culturais de medos de punição e castigo oriundos de uma vaga religiosidade, mesmo desligados da prática religiosa. Parece que o medo dos castigos perdura e a igreja os lembra disso.

Quando aos poucos vai surgindo uma crença num Deus interior, acima das crenças convencionais, como por exemplo, acreditar em si e olhar para dentro de si para buscar as curas dos seus medos, então que se dá o renascimento do sagrado.

Muito já se ouviu falar em controlar as emoções para não ser controlado por elas, é basicamente se conhecer, controlar suas emoções. Os medos são inerentes ao ser humano, mas saber compreender suas razões seria uma boa maneira de olhar para dentro. Olhar nos olhos dos colegas e perceber o que não foi dito...

A emoção e a sensibilidade foram, de certa forma, abafadas, em especial, nos meninos e há que se destacar que não há culpa neste sentimento, mas ignorância. As meninas comparadas a *barbies*, mulher objeto em detrimento do autoconhecimento.

Para as aulas, Ruy sugere acolhimento do aluno e que se peça a ele como gostaria de ser chamado; a seguir iniciação ao autoconhecimento com a pergunta: Quem é você?. Após, olhar nos olhos e ouvir. Que haja reflexão nas aulas. Tudo isto distribuído e organizado em mais aulas.

A religião poderá servir como forma para uma reflexão sobre valores humanos no caminho de uma busca do sentido. Não rejeitando a realidade, mas transformando a realidade interior.

1.4 Na Visão do Doutor Padre Ari da Silva

Este capítulo tem como base o livro do Dr. Padre Ari Antônio da Silva, *Economia a Serviço do Homem*. Licenciado, Mestre e Doutor em Filosofia, Bacharel em Teologia, foi professor da Unisinos e da Faccat, onde ainda é mestre. Atualmente é padre na Linha Imperial, município de Nova Petrópolis.

Segundo o livro, não há sistema político e econômico que responda aos anseios do coração humano. O autor sugere uma reflexão sobre os verdadeiros valores que dão sustentabilidade às incertezas em que vive o homem contemporâneo. A sociedade que perde o sentido de Deus, recebe um resultado desastroso em todos os sentidos. O padre ressalva a importância de valorizar o elemento humano, o silêncio, a oração e a meditação. Destaca o estudo da filosofia nas escolas como instrumento para fazer os alunos pensar. “Induzir à arte de pensar é prevenir as novas gerações para a saúde da sociedade do futuro.” (Silva, 2010, Pág. 175).

Precisamos educar as novas gerações para o espírito de partilha, de diálogo, de fraternidade, de autênticas amizades, e então estaremos semeando o fruto da paz tão esperada e sonhada.
...a educação, hoje, deixa muito a desejar. As novas gerações são preparadas para o mercado de trabalho, não para a vida e muito menos para serem promotoras da paz, da justiça, da fraternidade e de um mundo novo. Que pena! Pois o resultado são mais pessoas infelizes, sem rumo e sem sentido na vida. (SILVA, 2010, pág.25)

O padre Ari também dá ênfase à família, cita Pitágoras, “Eduquem as crianças e não será necessário castigar os homens” (pág. 124).

Afirma que o cristão não deve buscar o sofrimento para se firmar como discípulo de Cristo, mas aceitar naturalmente as contrariedades, dificuldades e pedras ao longo da existência.

Após ser muito procurado pelos jovens para aconselhamento, sobre suas incertezas e sem perspectivas futuras, o padre questiona os meios de comunicação social, os pais, os professores e as instituições cristãs que não buscam novas formas de evangelizar colégios e universidades. Este seria um desafio que precisa de estratégias e técnicas pastorais de uma espiritualidade sólida e forte, com valores que venham a suprir a sede da nova geração.

Assim sendo, a religiosidade deveria ter mais espaço nas instituições educacionais e o investimento em educação também implica investir em valores morais e valorização da religiosidade na vida dos estudantes.

1.5 Violência Nas Escolas

No dia 08/04/2011 a matéria do Jornal O Pioneiro de Caxias do Sul, RS, página 02 se referia ao massacre promovido pelo ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira na Escola Municipal Tasso da Silveira no Estado do Rio de Janeiro no dia 07 de abril de 2011, por volta das 8h30min. Ele entrou em uma das salas e começou a atirar contra os alunos deixando doze estudantes mortos e mais doze feridos. A tragédia só não foi pior porque o policial militar Márcio Alves que participava de uma fiscalização rotineira de veículos nas proximidades, foi surpreendido por estudantes ensanguentadas, e correu até o local conseguindo conter o atirador que, acuado, se matou com um tiro na cabeça.

O episódio lamentável repercutiu em todo o país e girou o mundo. Lembrando que em outros países já aconteceram ocorrências semelhantes. Na foto anexo, um episódio ocorrido em 20 de abril de 1999 nos EUA, onde dois jovens armados matam 12 alunos e um professor e depois se suicidam. A matéria publicada pelo Jornal Pioneiro do dia 08 de abril de 2011, página 4, relembra outros vinte massacres semelhantes ocorridos pelo mundo nas escolas.

Justamente na época do ocorrido no Rio, foi feito parte deste estudo. Foi possível perceber que antes havia acesso facilitado, após o ocorrido, professores e alunos demonstravam preocupação com a segurança e mantinham os portões fechados.

Estas são ocorrências que se tornaram amplamente divulgadas pela mídia. Existem muitas ocorrências, não menos importantes, que nem chegam ao conhecimento público. São alunos que batem nos professores, bem como alunos que brigam entre alunos, vandalismo contra os carros dos professores, já são considerados rotina em algumas escolas. Os alunos geralmente saem impunes de seus feitos.

1.6 Bullying

Bullying é uma palavra inglesa que basicamente significa valentão. O termo tem sido utilizado para caracterizar todo o tipo de tortura psicológica ou física promovida pelos colegas ou professores de uma escola. Geralmente a criança que sofre este tipo de violência pertence ao grupo que promove o bullying contra ela. As marcas destas agressões podem nunca mais ser esquecidas.

Segundo a matéria sobre o assunto, da revista *Veja* do dia 20/04/2011, páginas 89 a 94, um levantamento feito com estudantes do ensino fundamental em escolas públicas e privadas aponta que 10% das crianças afirmam ter sido alvo de bullying. Porém a coordenadora do estudo, Cleo Fante, pensa que o problema é maior do que revelam as estatísticas, porque vítimas têm vergonha e medo de se identificar.

Para o desespero dos pais e vítimas, a matéria também revela que aproximadamente 80% das escolas brasileiras não pune os agressores.

Alguns estudantes não sabem conviver com as diversidades, a tolerância não é o forte e nem mesmo o respeito, qualquer fato pode ser motivo para desencadear o bullying, tais como obesidade, magreza excessiva, ser muito certinho, alguma deformidade física, franzino, aluno novo e por aí fora.

A matéria revelou que muitas vítimas sofrem caladas ou mesmo outras suam frio, ficam apavoradas a cada dia para ir à escola. Muitas ficam isoladas, têm crises de choro e queda no desempenho escolar.

A tendência é que agora as vítimas corram para buscar judicialmente indenizações, como no caso da aluna Julia Affonso que ganhou na Justiça trinta e cinco mil reais por negligência no enfrentamento do bullying da escola no Rio de Janeiro (*Revista Veja*, 20/04/11, pág. 89). Caso as escolas não fizerem nada para evitar este tipo de violência, poderão arcar com indenizações.

No caso das escolas públicas, as despesas com educação poderão ficar mais “salgadas”. Se já é difícil mais investimentos na educação, agora o assunto não poderá ser ignorado sob pena de onerar os cofres públicos.

O lado positivo é que a sociedade está se dando conta deste tipo de violência e a sociedade espera providências pelo sistema educacional ou mesmo político no sentido preventivo e punitivo dos infratores. Uma reflexão sobre começar a educar os alunos incluindo os valores básicos para a vida em sociedade.

1.7 Exemplos Bem Sucedidos na Educação

Conforme matéria exibida pela revista Veja, página 116, do dia 06 de abril de 2011, ou seja, um dia antes do episódio Wellington, mencionado no tópico anterior, mostra que é possível uma educação de qualidade, mesmo em um local considerado violento. À exemplo do Colégio Municipal Paula Fonseca no Rio de Janeiro, localizado em uma região pobre e violenta, em que seus 500 alunos ouvem sons de tiroteios em meio às aulas, sem nenhum luxo e sem contar os alunos procedentes de famílias desestruturadas, com tudo, conseguiram média bem superior à nacional no último IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do MEC.

Segundo a diretora da escola, Célia Tavares de 72 anos de idade, “Além de ensinar, nosso trabalho aqui inclui transmitir valores básicos a crianças vindas da extrema miséria e de lares desestruturados”. (Veja, 06/04/11, pág. 116).

Também ganha destaque na matéria a Escola Pablo Neruda, localizada na Zona Oeste Carioca, que não dá espaço para as condescendências habituais e segundo a diretora Maria Joselza “em um lugar como este não há tempo para perder com incompetência”. (Veja, 06/04/11, pág. 117).

Em comum, estas escolas contam com diretoras comprometidas em transmitir valores, criar um bom clima para estudos. As diretoras aproximam os pais da vida

escolar e transmitem a eles as dificuldades de aprendizado enfrentadas pelas crianças. Embora afirmem que nem sempre se tem sucesso com alguns pais.

Então, se uma escola sem luxo e situada num ambiente violento e pobre, consegue se sobressair sobre as demais, cabe às instituições de ensino e ao governo repensarem sobre os valores que estão transmitindo aos recursos humanos do país.

Existe uma crescente preocupação em fornecer assistência extra em locais com indicadores socioeconômicos ruins. Segundo reportagem da revista Veja de 04 de maio deste ano, o Chile é considerado um exemplo, onde o governo investe em reforços e até consultoria pedagógica para colégios considerados vulneráveis. Tudo para manter os alunos ocupando mais tempo estudando. A matéria aponta sete passos para avançar na educação:

- Mais tempo na escola;
- Diretores de alto nível;
- Os melhores ganham mais (docentes);
- Escolas de pior desempenho ganham verbas para melhorar;
- O currículo indica aula por aula, os assuntos que devem ser ensinados;
- Avaliação dos alunos, professores, diretores e escolas;
- Orçamento em educação multiplicado por sete.

Comparando o PIB do Chile é 6,4% e o do Brasil equivale a 5% (Veja, 04/05/11, pág. 128 a 129).

Um nome digno de ser lembrado neste trabalho, é o de Johann Heinrich Pestalozzi, um pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional. Em 1805 ele foi morar em Yverdon, onde foi reconhecido por uma educação capaz de atingir um povo. Fundou a teoria dos três estados de desenvolvimento moral, ou seja:

- Estado natural. Quando o homem é filho do instinto. Satisfação faz parte do estado natural.
- Estado social. O homem faz parte da sociedade para tornar sua vida mais alegre. Esperança faz parte do estado social.
- Estado moral: Sucesso profissional pode trazer felicidade, mas na verdade, este estado social não garante a felicidade. Como obra da natureza, poderemos ser perfeitos, mas, para a obra pessoal, deveremos nos esforçar para atingir a perfeição.

Segundo a concepção de Pestalozzi para a educação religiosa, que ele acordou no Instituto Yverdon, inclui:

- Reconhecimento do aspecto espiritual do homem como verdadeiro;
- Respeito da identidade religiosa de cada indivíduo;
- Aprendizado da tolerância fraterna entre credos e cultos;
- Identificação de pontos passíveis de diálogos entre as diferentes religiões;
- Busca de pontos em comum às diversas crenças para servir de inspiração à educação moral.

Nem sempre investir em educação, significa necessariamente gastar muito dinheiro, temos aí exemplos.

1.8 Leonardo Boff

Um dos nomes que surgiu em termos de teologia, é Leonardo Boff. Doutor em filosofia e teologia na Universidade de Munique, Alemanha. Escritor, professor, fez parte da Ordem Franciscana, forte incentivador da Teologia da Libertação. Seus questionamentos a respeito da hierarquia da Igreja causaram-lhe um processo, sob a direção de Joseph Ratzinger, hoje o Papa Bento XVI. Boff questiona o poder pessoal dos papas e denuncia a pretensão de infalibilidade da igreja. Em 1985, chegou a ser condenado por um ano de “silêncio obsequioso”.

A Teologia da Libertação basicamente apresenta uma forte inclinação pelos pobres. Também é vista com um viés esquerdista. A pobreza é considerada um pecado estrutural e corresponde a uma realidade social no Brasil. Entre seus temas está a igualdade entre homem e mulher; diálogo inter-religioso; discriminação racial e outros.

Frei Betto, amigo de Leonardo Boff e defensor da Teologia da Libertação, chegou a ser designado pelo então presidente Luis Inácio Lula da Silva, a dirigir o programa “Fome Zero”, porém descontente com a política econômica e conivente com políticas marxistas, demitiu-se.

Em 1986, no Curso de Exercícios Espirituais realizado no Vaticano, O caminho Pascoal, o então Cardeal Ratzinger falou: “Vemos, porém, que um desenvolvimento econômico sem desenvolvimento espiritual destrói o homem e o mundo” (Teologia da Libertação, Wikipédia, internet, acesso em 26/06/11), percebe-se uma reflexão a respeito do desenvolvimento espiritual no homem.

Tanto Betto, como Boff compreendem que a religião é um assunto público, social e político. Não um assunto meramente particular do indivíduo.

1.9 Sugestão de Alguns Valores Para Serem Trabalhados nas Escolas

Talvez não seja eficiente apenas fazer leis para corrigir os males da sociedade ou impor a moralidade, mas trabalhar a consciência coletiva com valores básicos pode auxiliar a sociedade. Valores como:

- Compreensão;
- Resolver conflitos pacificamente;
- Tolerância/paz;
- Conviver com diversidades;
- Ética;

- Honestidade;
- Responsabilidade;
- Consciência;
- Dignidade;
- Disciplina;
- Respeito;
- Cooperação;
- Justiça;
- Respeito ao meio ambiente;
- Respeito aos mais velhos;
- Respeito aos animais;
- Sexualidade;
- A importância de estudar.

É importante também, incentivar a prática de esportes, porém, pagar salários altíssimos para alguns atletas, enquanto professores e pesquisadores que tentam encontrar a cura para doenças que matam, ganham bem menos. Isto pode se configurar em uma inversão de valores. E ainda há quem diga “fulano só estuda, não trabalha!”. Vale um lembrete de que estudar dá trabalho.

As leis podem nem sempre refletir o que a sociedade pensa e o interesse comum da sociedade poderia ser trabalhado não somente através de leis, mas em conjunto com a educação. Não deixar a educação apenas nas mãos dos pais, pois nem todos tiveram possibilidades de ter bons esclarecimentos e muitos possuem idéias pré-concebidas e/ou preconceituosas. Outros necessitam trabalhar tanto que mal conseguem conversar com seus filhos. Muitos alunos vivem suas incertezas sem um propósito para suas vidas e resta ao ambiente escolar trabalhar tais valores.

A gente precisa ter no Brasil uma educação forte, homogênea, com a mesma qualidade no país todo, nas escolas públicas e, de preferência, em turno integral. (Marcos Pontes, primeiro astronauta brasileiro a integrar uma missão espacial, em entrevista ao Jornal O Pioneiro, Caxias do Sul, RS - de 7 de maio de 2011)

1.9.1 Exemplo de um Projeto de Como Fazer

(duração de dois bimestres, 15 horas por semana).

- Leitura e discussão do artigo 3º e do artigo 5º da Constituição Brasileira. Leis que assegura a liberdade de consciência e de crença.
- Informações sobre a história do Brasil na época em que os negros eram proibidos de praticarem seus cultos; a igreja como religião oficial e a ditadura militar.
- Discutir a discriminação social;
- Levantamento de quantas religiões estão sendo representadas na escola, feito pelos próprios alunos.
- Apresentação voluntária dos alunos sobre sua religião e orientação para não haver discriminação.
- Exposição sobre a história de vida e idéias de grandes personalidades de diferentes religiões, tais como Gandhi (hindu), Martin Luther (protestante), Chico Xavier (espírita), Madre Thereza de Calcutá (Católica).

O presente projeto, foi extraído da uma matéria da internet, de Dora Incontri, O ensino inter-religioso, como fazer? pós-doutoranda da FEUSP. Acesso em 06/07/2011.

2 MÉTODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, houve duas pesquisas de campo, bem como embasamento teórico envolvendo profissionais em educação, reportagens atuais pertinentes ao assunto, bem como acesso a internet.

2.1 Delineamento

Este estudo teve duas etapas, na primeira, foi feita uma pesquisa envolvendo professores das variadas disciplinas e de diferentes escolas para, com base em suas experiências e vivências, contribuírem com este trabalho. Um levantamento descritivo simples.

Na segunda etapa, somente com professores específicos de ensino religioso, um levantamento qualitativo com entrevista semi-estruturada. Os itens levantados foram:

- Papel do professor.
- Fundamentação teórica.
- Conteúdos didáticos.
- Percepção da disciplina pelos alunos.
- Avaliação.

2.2 Sujeito da Pesquisa

Participaram deste estudo o Colégio Estadual Padre Werner, situada no centro de Nova Petrópolis, com cerca de 950 alunos e 70 professores; Escola

Estadual de Ensino Fundamental 1° de Maio com aproximadamente 241 alunos e 27 professores situada no Bairro Fazenda Pirajá; Escola Municipal de Ensino Fundamental Otto Hoffmann com 205 alunos e 35 professores situada no Bairro Pousada da Neve e a Escola Bom Pastor situada na localidade de Linha Brasil que se subdivide em Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Pastor e Escola Técnica Bom Pastor com aproximadamente 600 alunos e com cerca de 70 professores.

Os questionários foram aplicados nestas escolas do município de Nova Petrópolis, com professores por acessibilidade entre os dias 29 de março de 2011 e 12 de abril de 2011. Sem a obrigação de identificação de professores e nem de escolas.

Na segunda etapa, ocorreu no início do mês de agosto de 2011, houve um estudo somente com os professores de ensino religioso das escolas mencionadas acima, também sem a obrigatoriedade de identificação dos professores.

2.3 Coleta e Análise de Dados

Primeira Etapa.

Na primeira etapa, havia apenas uma pergunta e foi feita para oitenta professores das mais variadas disciplinas e escolas:

- Você acredita que a religiosidade influencia positivamente no comportamento disciplinar dos alunos na escola?

() sim () não

O professor apenas marca a resposta que acredita ser verdadeira. O uso da porcentagem se faz necessário para saber quantos por cento dos professores acreditam que a religiosidade influencia no comportamento dos alunos. A palavra positivamente foi incluída na pergunta em função da solicitação dos próprios

professores, através de uma conversa anterior para a realização deste estudo. Pois simplesmente a palavra influencia pode deixar margem para forma negativa, como no caso de fanatismos em que o jovem poderá se rebelar e pode ser positiva para o caso de orientação de valores morais.

Participaram da pesquisa oitenta professores. Deste número, setenta e dois acreditam que a religiosidade influencia positivamente no comportamento dos seus alunos, o que representa noventa por cento dos professores, enquanto que oito professores não acreditam que a religiosidade influencie no comportamento dos alunos, representando uma pequena parcela de dez por cento.

Segunda Etapa.

Na segunda etapa, houve levantamento qualitativo apenas com os professores de ensino religioso, das escolas estudadas em que alguns itens foram levantados, sob forma de entrevista semi-estruturada, onde cinco professores responderam as questões. Alguns dos professores são os mesmos em outras escolas, por tanto, responderam a um único questionário. Os itens apontados foram:

- Papel do professor.
- Fundamentação teórica
- Conteúdos didáticos.
- Percepção da disciplina pelos alunos.
- Avaliação.
- Situação do professor.

3 RESULTADOS DO ESTUDO

A dúvida que geralmente paira no ar e é motivo de discussões é se a as instituições de ensino devam ficar alheias ao ensino religioso ou trabalhar, na forma da lei, para o desenvolvimento de valores como respeito ao próximo, tolerância, ou qualquer outra forma de discriminação religiosa.

Ouvir a opinião dos professores, os recursos humanos que trabalham diretamente com os alunos nas escolas, é um ponto importante deste estudo.

3.1 Resultado da Primeira Etapa

Segundo a primeira etapa deste estudo realizado nas escolas, como já descrito nos procedimentos metodológicos, o resultado foi:

- Dos 80 (oitenta) professores que responderam o questionário, 72 (setenta e dois), que corresponde a 90 %, acreditam que a religiosidade influencia positivamente no comportamento dos alunos nas escolas.

Enquanto que apenas 8 (oito) professores, ou seja, 10%, acreditam que a religiosidade não influencia no comportamento dos alunos.

Então o estudo fica assim:

Dos 80 professores que participaram do estudo; 90% deles acredita que a religiosidade influencia no comportamento dos alunos, enquanto 10% deles não acredita que a religiosidade possa influenciar no comportamento dos alunos.

3.2 Resultado do Estudo Qualitativo

Na segunda etapa deste estudo foi feito especificamente com professores de ensino religioso nas escolas estudadas, sem identificação dos mesmos. Participaram dele cinco professores. Alguns são os mesmos em outras escolas.

Os itens apontados foram:

- Papel do professor;
- Fundamentação teórica.
- Conteúdos didáticos.
- Recepção da disciplina pelos alunos.
- Avaliação.
- Situação do professor.

Segue as questões e as respectivas respostas dos professores.

CATEGORIA DE ANÁLISE:

- Papel do professor.

Professor	Questão: Qual a sua concepção do papel como professor de ensino religioso?
A	O professor tem como principal papel ser mediador entre a realidade que nos cerca (natureza, atitudes positivas e negativas, relacionamentos entre pessoas) e a realidade pessoal de cada aluno (família, escola, amigos, internet, televisão, atitudes positivas e negativas).
B	O papel de levar os alunos a reflexões éticas, desenvolver neles o respeito às diferentes manifestações religiosas bem como propiciar que reflitam sobre a própria religiosidade.
C	Ir ao encontro de necessidades básicas, angústias e valores.
D	Ser um mediador de conceitos que proporcionam ao aluno adequar-se a sociedade, família, valores, respeitar as diferentes religiões.
E	Ser facilitador/mediador na construção dos valores e conceitos indispensáveis para um mundo melhor.

Observa-se que, com algumas variações, quase todos entendem que devem trabalhar os valores como papel do professor de ensino religioso.

Segundo o capítulo 2.7, sobre exemplos bem sucedidos na educação, os alunos do Colégio Municipal Paula Fonseca, no RJ, conseguiram média bem superior à nacional no último IDEB e segundo a diretora Célia Tavares, além de ensinar o trabalho deles inclui valores básicos a crianças vindas da extrema miséria e de lares desestruturados. Em comum, escolas com bom desempenho em colégios considerados vulneráveis, são diretoras de nível, comprometidas em transmitir valores e favorecer um bom clima para estudos.

CATEGORIA DE ANÁLISE:

- Fundamentos teóricos.

Professor	Questão: Quais os fundamentos teóricos conceituais que são utilizadas nesta disciplina?
A	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar a auto-estima do aluno. - Mostrar que é através do dialogo que se resolvem os conflitos. - Destacar a preocupação com a ética por parte das religiões. - Analisar temas simples, mas importantes, que permeiam a sociedade na qual vivemos. - Despertar a solidariedade e o amor ao próximo. - Despertar o ser humano para que se sinta como parte integrante da natureza, aprendendo a viver em harmonia com o mundo do qual faz parte.
B	São utilizados como fundamentos a religiosidade como parte da existência humana. Por isso, dependendo do nível de ensino se trabalha. Primeiro é necessário que o aluno compreenda o fenômeno religioso e a sua própria religiosidade e religião. Após é importante que tome conhecimento de outros fenômenos religiosos.
C	Direitos, deveres, ética, moral, a verdade, religião, religiosidade, habilidades.
D	Valores, linguagens religiosas, sagrado, ritos e símbolos.
E	Ética, moral, religião. Ser cidadão, preconceitos, tolerância, sentimentos.

Verifica-se que sobre os fundamentos teóricos, não há uma unanimidade entre os professores. Alguns trabalham temas diferentes de outros, embora a ética tenha constado na maioria como um dos fundamentos teóricos.

Segundo o religioso e mestre, padre Ari, sugere uma profunda reflexão sobre os verdadeiros valores que dão sustentabilidade às incertezas em que vive o homem contemporâneo. Ele afirma que as novas gerações são preparadas para o mercado de trabalho e não para a vida e muito menos para serem promotoras da paz e da justiça.

Padre Ari é muito procurado pelos jovens, muitos sem perspectivas futuras para aconselhamento sobre suas incertezas. Talvez se perceba um espaço a ser preenchido pelas instituições educacionais, dentro da disciplina de ensino religioso.

CATEGORIA DE ANÁLISE:

Conteúdos didáticos.

Professor	Questão: Quais os conteúdos didáticos desenvolvidos em sala de aula?
A	<p>Textos (leitura e debate): Solidariedade, diálogo na família, como resolver conflitos, relacionamento a dois, jardineiros do mundo, auto-avaliação como pessoa e como alunos.</p> <p>Desenhos e colagens: Notícias boas e ruins (recortes de jornais), desenhando o colega (características positivas), desenhando a trajetória de vida.</p> <p>Reflexões: Palavras cruzadas, acrósticos e listagem de sinônimos, visando refletir sobre valores e atitudes voltadas para o bem.</p>
B	<p>Aspectos éticos e morais: sexualidade; drogas; autoridade; respeito; zelo pelo nome do próximo, respeito pela propriedade do próximo; fome; miséria; felicidade; festividades populares. Aspectos religiosos: entender-se como ser religioso, conhecer sua religiosidade; conhecer outras culturas religiosas; respeito às diferentes expressões religiosas entre outros.</p>
C	<p>Direitos e deveres; justiça, injustiça, socialismo, respeito, bullying, fofoca, vingança, adolescência + amor, sexo, adolescência e crescimento + maturidade. Família, gravidez, drogas, ser social, preguiça, prostituição, amizade, habilidades e temas atuais.</p>
D	<p>Diversidade religiosa, diferentes valores.</p>
E	<p>Diversidade religiosa; conceitos de bem e mal; os sete pecados capitais; temas atuais.</p>

Observa-se que sobre os conteúdos didáticos, cada professor leciona segundo o seu entendimento, embora havendo alguns conteúdos em comum, não há acordo

sobre os conteúdos a serem ministrados em aula. Segue praticamente o mesmo problema dos fundamentos teóricos mencionados anteriormente, exigindo uma séria reflexão sobre o tema.

O capítulo 2.9 sugere alguns valores a serem trabalhados em aula e o capítulo 2.9.1 mostra como exemplo, um projeto da pós-doutorada Dora Incontri de como fazer um ensino inter-religioso. Neste projeto há leitura dos artigos da constituição brasileira ligados ao tema, informações históricas, discriminação social, levantamento das religiões e apresentação voluntária feita pelos próprios alunos entre outras sugestões.

CATEGORIA DE ANÁLISE:

- A metodologia e o tratamento didático fornecido pelas coordenadorias de ensino.

Professor	Questão: A metodologia e o tratamento didático do ensino religioso fornecido pelas coordenadorias de ensino, são suficientes para o cumprimento dos objetivos e seu desenvolvimento em sala de aula? Por quê?
A	Nunca tive acesso ao material fornecido pela coordenadoria.
B	No meu entender ainda faltam. Como também falta clareza das instituições sobre qual o papel desta disciplina no currículo. Vejo as instituições que deveriam regulamentar completamente perdidas sobre o ensino religioso, desde a reforma da LDB. Hoje se faz qualquer coisa em aula, menos trabalhar cultura religiosa.
C	Não há material em abundância. Mas recebemos ajuda e existem alguns livros nas escolas. Vou em busca de material com o decorrer do tempo consegui um material muito bom e diverso. Livros, revistas, filmes, apostilas.
D	A nossa coordenadoria oferece cursos com parceria com a UCS, que nos oferece material de apoio para as aulas. Mas ainda falta material didático para os alunos acompanhar os conteúdos, pois, precisamos sempre fazer cópias das atividades. Aos professores também falta apoio didático e mesmo que entrarmos em contato com editoras para solicitar livros didáticos, são raras as vezes que somos atendidos.
E	A 4ª CRE oferece um bom suporte. Basta que os professores se empenhem e participem envolvendo-se nas atividades propostas.

Segundo se pode observar, a maioria dos professores afirma ter dificuldades para encontrar material didático necessário para as aulas e falta clareza sobre o papel desta disciplina no currículo.

De acordo com do livro O Sagrado na Educação, o autor afirma que o sistema educacional atual não se preocupa com a educação da alma, as provas e as notas é o que contam. O individualismo, a solidão e o vazio existencial se fazem presente no homem contemporâneo, afirma ainda o autor Ruy César do Espírito Santo, mestre em educação.

CATEGORIA DE ANÁLISE:

- Receptividade dos alunos quanto à disciplina de ensino religioso.

Professor	Questão: Em sua opinião, como os alunos recebem a disciplina de ensino religioso?
A	Como em qualquer outra disciplina. Os bons alunos buscam participar e fazer o que é proposto. Os alunos que não se interessam por nada fazem os trabalhos por obrigação.
B	Recebem bem. O ser humano tem uma dimensão espiritual inseparável, sendo assim, esta disciplina vem de encontro da natureza humana.
C	A maioria dos alunos participa de discussões e acham de suma importância para seu bem estar.
D	Uma disciplina onde eles podem falar sobre várias coisas e valores. E para muitos uma forma de desabafar sobre assuntos pessoais.
E	No geral embora considerem-na menos importante que muitas outras disciplinas, como as demais disciplinas.

De acordo com os professores, esta disciplina não sofre resistência por parte dos alunos e normalmente é bem recebida pelos mesmos.

Padre Ari afirmou ser muito procurado pelos jovens para aconselhamento sinalizando uma provável necessidade deste espaço e mais reflexão nas aulas de ensino religioso. Segundo ele, há muitos jovens sem rumo e sem sentido na vida.

É possível que o sistema educacional brasileiro não esteja dando a real importância que esta disciplina pode ter na vida dos estudantes deste país.

CATEGORIA DE ANÁLISE:

- Sistema de avaliação.

Professor	Questão: Qual o sistema de avaliação desta disciplina?
A	Quantitativa: de 0 a 100(trabalhos individuais, em duplas e em grupos) Qualitativa: de 0 a 100(disciplina, normas de convivência, temas e trabalhos, material solicitado, caderno completo).
B	Trabalhar escritos e apresentados. Testes individuais e grupais. Participação em aula.
C	Pesquisas, trabalhos, apresentações, teatro música, paródias, poemas, frases, slogans, entrevistas.
D	São avaliados durante as aulas, pela participação em aula, atividades realizadas em aula, trabalhos avaliativos.
E	Trabalhos em grupos ou individuais. Participação, postura reflexiva; análise de vídeos e filmes. Auto-avaliação, apresentação de seminário.

O sistema de avaliação dos alunos basicamente se resume em participação em aula e trabalhos.

CATEGORIA DE ANÁLISE:

- Situação do professor.

Professor	Questão: Qual a sua situação com relação à disciplina de ensino religioso? Quanto tempo leciona esta disciplina? Gosta de dar estas aulas e se sente preparado?
A	Gosto de ministrar esta disciplina, pois sinto que é fundamental dialogar com os alunos certas coisas que não são dialogadas em casa (respeito ao próximo e à natureza, manipulação feita pela mídia etc.) Leciono a disciplina desde março e preparo as aulas usando bom senso e coerência na seqüência dos assuntos que são abordados.
B	Leciono a cerca de um ano. Adoro dar estas aulas e me sinto razoavelmente preparado. Considero esta disciplina importante, pois a religiosidade faz parte da essência humana. Lamento confusão existente no combate ao proselitismo cristão, está se fazendo hoje, em muitos momentos (até por parte de instituições oficiais) um proselitismo em prol de religiões existentes, afro-brasileiras, espiritismo, entre outras.
C	Trabalho com esta disciplina por opção desde 2004.
D	Creio que é um componente curricular que auxilia o professor a conhecer melhor os alunos, problemas que eles possuem. É o meu primeiro ano como professora de ensino religioso. Gosto de dar estas aulas, falar com alunos sobre assuntos que não são abordados em outras disciplinas. Sinto-me preparada, pois participo de cursos de preparação oferecidos pela 4 CRE.
E	Este é o primeiro ano que sou professora de 25 anos de magistério titular da disciplina em quatro turmas de ensino médio. Para ser professora devemos estar sempre preparadas, mas, com certeza se tivesse uma especialização as aulas teriam mais qualidade embora, tenha feito um curso de teologia de 360 horas entre outros curso de ERE.

De acordo com os professores, a maioria está a menos de um ano lecionando estas aulas. Gostam e se consideram preparados para as mesmas.

Cabe aos professores de ensino religioso um questionamento de como alguns professores podem se sentir preparados para lecionar uma disciplina com importância considerada relevante para a vida dos alunos, apesar de enfrentarem dificuldades para encontrar material didático, falta de clareza sobre o papel da disciplina no currículo e não há um entendimento sobre os fundamentos teóricos trabalhados em sala de aula.

4 CONCLUSÃO

Em tempos modernos em que pais e mães precisam trabalhar para o sustento da família, a tarefa de educar e passar valores humanos parece ficar a cargo das creches ou das escolas. Porém, se perguntarmos ao professor de quem é a responsabilidade de educar, o mesmo dirá que a tarefa de educar é dos pais. Na prática, um passa a “bola” para o outro e a escola ensina apenas os conteúdos pragmáticos. Contudo, valores morais e religiosos ficam com quem? A escola não está estruturada para preparar para a vida, apenas ensinar os conteúdos básicos para a vida profissional.

A preocupação que assola este tema, já demonstra um grande avanço sobre o ensino religioso, pois quanto mais se sabe sobre um determinado assunto, melhores serão as possibilidades de criar soluções mais adequadas.

Embora, a tarefa de despertar criticamente para esta relação parece ser atribuída ao educador, o assunto também é de interesse dos pais e pode ser considerado de ordem pública.

Recentemente, o mundo assistiu os tremores de terra e o tsunami que devastaram o Japão. Apesar da escassez de alimentação e água não houve saques a supermercados e a população se manteve organizada. Percebe-se que este governo investe em educação, em valores morais, além de disciplina e souberam colocar o coletivo acima dos interesses individuais. Este povo demonstrou vontade de seguir a vida adiante, apesar das perdas não só materiais, mas, em alguns casos, de toda a família. Podem ser dignos de exemplos a serem seguidos.

Segundo este estudo, 90% dos professores acreditam que a religiosidade é importante e influencia no comportamento dos alunos. No entanto, quando comparamos os conteúdos trabalhados em sala de aula nas disciplinas de ensino religioso, nota-se uma disparidade nos conteúdos trabalhados por parte dos professores. Não há um acordo do que deve ser ministrado em aula. Os professores sentem falta de material didático de apoio e segundo um dos professores de ensino

religioso ouvido, hoje se faz qualquer coisa em aula, menos trabalhar a cultura religiosa.

De acordo com a história da educação, na época em que os jesuítas chegaram, os mesmos sentiram a necessidade de educar e catequizar os nativos que aqui moravam. A idéia original era catequizar mesmo. Porém, nos dias de hoje, isso não mais acontece, até porque há uma diversidade religiosa e cultural muito grande, que deixam os educadores um tanto perdidos sobre o que ministrar nestas aulas.

A Constituição Brasileira em seu artigo 5º, inciso VI onde diz que é inviolável a liberdade de consciência e de crença. Portanto, cabe aqui lembrar das diferentes religiões, bem como da diversidade cultural existente em nosso país e ensinar o respeito e a tolerância necessárias à convivência em sociedade.

Segundo os religiosos, não há a educação da alma. A espiritualidade deveria ser vista como essencial na educação. Nas escolas públicas, cabe ao Estado rever as práticas educativas. Segundo Leonardo Boff, a religião deveria ser vista como assunto público, social e político.

Amar uns aos outros, ética, respeito, disciplina, consciência, dentre outros valores inerentes à existência humana, poderiam ser trabalhados nas escolas com mais importância.

Talvez o fato de termos em nosso país diferentes culturas e religiões, seja uma grande vantagem em poder aproveitar para se trabalhar melhor estas diferenças em prol do desenvolvimento de um povo.

Os alunos gostam e aceitam bem as reflexões e conhecimentos ligados à religião, ao menos foi o que demonstrou uma professora do município de Picada Café, RS da Escola 25 de Julho, em aula com alunos de terceira série, foram visitar diversas igrejas daquele município e aprender sobre as respectivas religiões. A professora Patrícia Hansen que conduziu a turma disse que as aulas foram muito bem recebidas, os alunos gostaram. Ela comentou que talvez, se fossem adultos não receberiam tão bem as diferentes crenças. Pois muitos adultos podem

apresentar resistência frente a outras religiões, porque não foram trabalhados desde cedo a aceitar estas diferenças.

Este estudo contou com algumas reportagens, uma delas sobre a violência nas escolas em que mostrou um caso de comoção nacional ocorrido no Rio de Janeiro, bem como a matéria de outras duas escolas também do Rio de Janeiro que torna possível fazer uma reflexão sobre os valores morais passados aos alunos. Enquanto em uma escola, Wellington de Oliveira entra armado e mata 12 alunos deixando mais 12 feridos; na outra escola, situada em um local pobre e violento, em que os alunos estudam e frequentemente escutando tiros durante as aulas, muitos destes alunos vindo de famílias desestruturadas, conseguem resultados superiores à média nacional segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica do MEC. A diretora Célia Tavares afirma na reportagem citada anteriormente para a revista *Veja*, que além de ensinar, o trabalho inclui transmitir valores básicos às crianças.

É possível dizer que quando se fala em investimentos em educação, não significa necessariamente gastos onerosos pelo Estado, mas investir também no que é ensinado, provavelmente investimentos nas aulas de ensino religioso e passar aos alunos valores morais inerentes à boa educação, mostrar a real importância dos estudos na vida dos alunos podem surtir um efeito muito positivo. Mostrar que é possível ter um futuro bem melhor longe do crime, que a violência é uma ignorância inconcebível, que nem sempre se ganha e nem sempre se pode ter tudo o que a mídia tenta vender e ninguém é menos por causa disso. A lista de valores básicos poderia ser discutida por profissionais da educação, religiosos, psicólogos e demais profissionais da saúde e isto poderia fazer a diferença para muitos alunos e escolas do Estado.

Uma reestruturação na educação do país cairia muito bem e só acrescentaria positivamente para o futuro deste. Inclusive, a onda de *Bullying* que assola as escolas brasileiras, pode não só causar prejuízos aos alunos e seus pais, mas às escolas ou aos cofres públicos em função das indenizações que estão começando a surgir.

As leis parecem não ser suficientes para corrigir os males da sociedade. Ouvir a voz de uma amostragem de educadores afirmando que acreditam que a religiosidade influencia positivamente no comportamento dos alunos na escola pode representar um indicativo de que o Estado deveria investir mais em valores básicos e religiosos para suprir esta brecha e preparar melhor os alunos para a vida e consequentemente formarem melhores cidadãos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDENBURG, Laude Erandi e outros. **Transformação, Nosso Compromisso.** Subsídios para o ensino religioso – vol.1. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990.

Constituição da República Federativa do Brasil. Juarez de Oliveira, 05 de outubro de 1988.

COVEY, Stephen R., **Vivendo os 7 Hábitos**, São Paulo, SP: Best Seller, 2000.

CURY, Augusto. **A sabedoria nossa de cada dia**, Os segredos do pai nosso 2. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

DONALD, Walch Neale. **Conversando com Deus**, Livro II: Agir Ltda, RJ. 2009.

ESPÍRITO SANTO, Ruy César do. **O Renascimento do Sagrado na Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Jornal O Pioneiro, **Horror em Sala de Aula**, 08 de abril de 2011. Caxias do Sul – RS

Orientações Técnicas para a Oferta do Ensino Religioso nas Escolas do Sistema Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, outubro de 2004.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Apresentação dos Temas Transversais e Ética, vol.8 – Brasília – 1997.

Revista Veja, **A Vida Depois do Tsunami**, 30 de março de 2011. – Edição 2210.

Revista Veja, **Nas Trincheiras do Bom Ensino**, 06 de abril de 2011. – Edição 2211.

Revista Veja, **Cruel, Aterrador e Inexplicável**, 13 de abril de 2011 – Edição 2212.

Revista Veja, **Só o Dever cumprido**, 13 de abril de 2011 – Edição 2212.

Revista Veja, **Abaixo a Tirania dos Valentões**, 20 de abril de 2011 – Edição 2213.

Revista Veja, **O Exemplo do Vizinho**, 04 de maio de 2011 - Edição 2215.

SHINYASHIKI, Roberto. **A carícia Essencial**, Uma psicologia do afeto, São Paulo: Editora Gente, 1985.

SILVA, Ari Antônio da. **Economia a Serviço do Homem**. Canela, RS:Ka&Lá, 2010.

Documentos referenciados por meio eletrônico – internet

BELLO, José Luiz de Paiva. Educação no Brasil: a História das Rupturas, 2001. Acesso em 07/07/2011.

BOFF, Leonardo. Wikipédia, a enciclopédia livre. Acesso em: 26/06/2011. http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_Boff

BOFF, LEONARDO. Vocacionados Menores: A Teologia da Libertação. Acesso em: 03/07/2011. <http://vocacionadosdedeusmaria.blogspot.com/2010/10teologia-da-libertacao-leonar...>

CASANOVA, José. O Problema da Religião e as Ansiedades da Democracia Secular Européia. <http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/5263/3791> Acesso em: 14/06/2011.

FISCHMANN, Roseli. Escola Pública não é lugar de Religião. Nova Escola. Acesso em 07/07/2011.

INCONTRI, Dora. O Ensino Inter-Religioso, Como Fazer? <http://www.hottopos.com/mirand15/dora.htm> Acesso em 06/07/2011.

INCONTRI, Dora. Ensino Religioso sem Proselitismo. É Possível? Acesso em 06/07/2011. <http://www.hottopos.com/videtur13/dora.htm>

O ensino inter-religioso, como fazer? <http://www.hottopos.com/mirand15/dora.htm>. Acesso em: 06/07/2011.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. Wikipédia, a enciclopédia livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Heinrich_Pestalozzi Acesso em: 07/07/2011.

Souza, Valdivino Alves, Bibliografia dos Pensadores. Disponível em <http://cienciaedaeducacao.vilabol.uol.com.br/pensadores.htm> Acesso em: 10 de setembro/2010.

Teologia da Libertação – Wikipédia. Acesso em 26/06/2001. http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_da_Liberta%C3%A7%C3%A3o

6 ANEXOS

QUESTIONÁRIO DE ESTUDO PARA PROFESSORES.

Caro professor,

Solicito sua contribuição para este estudo sobre a religiosidade e sua influência no comportamento dos alunos. Basta marcar um X na resposta que através de sua experiência e observação, consideras mais apropriada.

1) Você acredita que a religiosidade influencia positivamente no comportamento disciplinar dos alunos na escola?

() sim () não

Estudo qualitativo, com professores específicos da disciplina de ensino religioso nas escolas estudadas. Sem identificação dos professores.

1) Qual a sua concepção do papel como professor de ensino religioso?

2) Quais os fundamentos teóricos conceituais que são utilizadas nesta disciplina?

3) Quais os conteúdos didáticos desenvolvidos em sala de aula?

4) A metodologia e o tratamento didático do ensino religioso fornecido pelas coordenadorias de ensino, são suficientes para o cumprimento dos objetivos e seu desenvolvimento em sala de aula? Por quê?

5) Em sua opinião, como os alunos recebem a disciplina de ensino religioso?

6) Qual o sistema de avaliação desta disciplina?

7) Qual a sua situação com relação à disciplina de ensino religioso? Quanto tempo leciona esta disciplina? Gosta de dar estas aulas e se sente preparado?

Fotos da Matéria sobre a violência nas Escolas

Foto do Jornal O Pioneiro do dia 08/04/2011. Página 02 – Caxias do Sul RS.



Matéria do dia 08/04/2011 no Jornal O Pioneiro lembrando outro episódio semelhante ocorrido nos EUA.



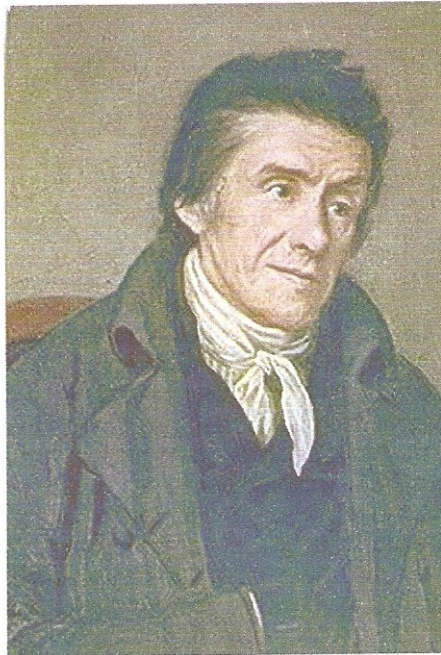
TRINCHEIRAS DE BOM ENSINO

Matéria exibida pela revista Veja página 116, do dia 06 de abril de 2011.

Destaque para a diretora Célia Tavares, 72 anos, do Colégio Paula Fonseca, localizado na favela Jorge Turco, no Rio de Janeiro, considerado local violento. Nota bem superior à nacional segundo o Ideb, do MEC 6,4.

Diz a diretora “Além de ensinar, nosso trabalho aqui inclui transmitir valores básicos a crianças vindas da extrema miséria e de lares desestruturados”.

HOMENAGEM



Johann Heinrich Pestalozzi

Minha homenagem à Johann Heinrich Pestalozzi, nasceu em janeiro de 1746 em Zurique, Suíça. Faleceu em fevereiro de 1827. Foi pedagogo, pioneiro da pedagogia moderna.

Após a morte de seu pai quando ainda era criança, Johann e sua família empobreceram. Sofreu preconceito social e precisou se esforçar muito em uma sociedade dividida entre ricos e pobres. Recebeu orientação religiosa protestante, mas sempre se considerou um cristão, sem distinção entre religiões.

Fez de sua casa, uma escola. Na invasão francesa na Suíça em 1798, muitas crianças vagavam sem pais, comida e sem abrigo. Pestalozzi reuniu estas crianças em um convento abandonado e se esforçou pessoalmente para educá-los. Mais tarde, os invasores requisitaram o prédio para instalar ali um hospital, e Pestalozzi viu seus esforços perdidos. Seu trabalho foi marcado por esforços, cansaços e tristezas, pois não era fácil para a época ser um educador e preparar o homem integralmente em meio à invasão Francesa.

Ele desenvolveu a teoria dos três estados de desenvolvimento moral:

- Estado natural (o homem nasce filho do instinto);
- Estado social (o homem entra na sociedade para tornar a vida mais alegre, o básico para viver em sociedade).
- Estado moral (o homem deve se esforçar para a perfeição, reconhecer-se e melhorar).

Pestalozzi falava em preparar o homem integralmente e seus trabalhos foram reconhecidos e publicados em Stuttgart em 1819. Em Berlim em 1881.